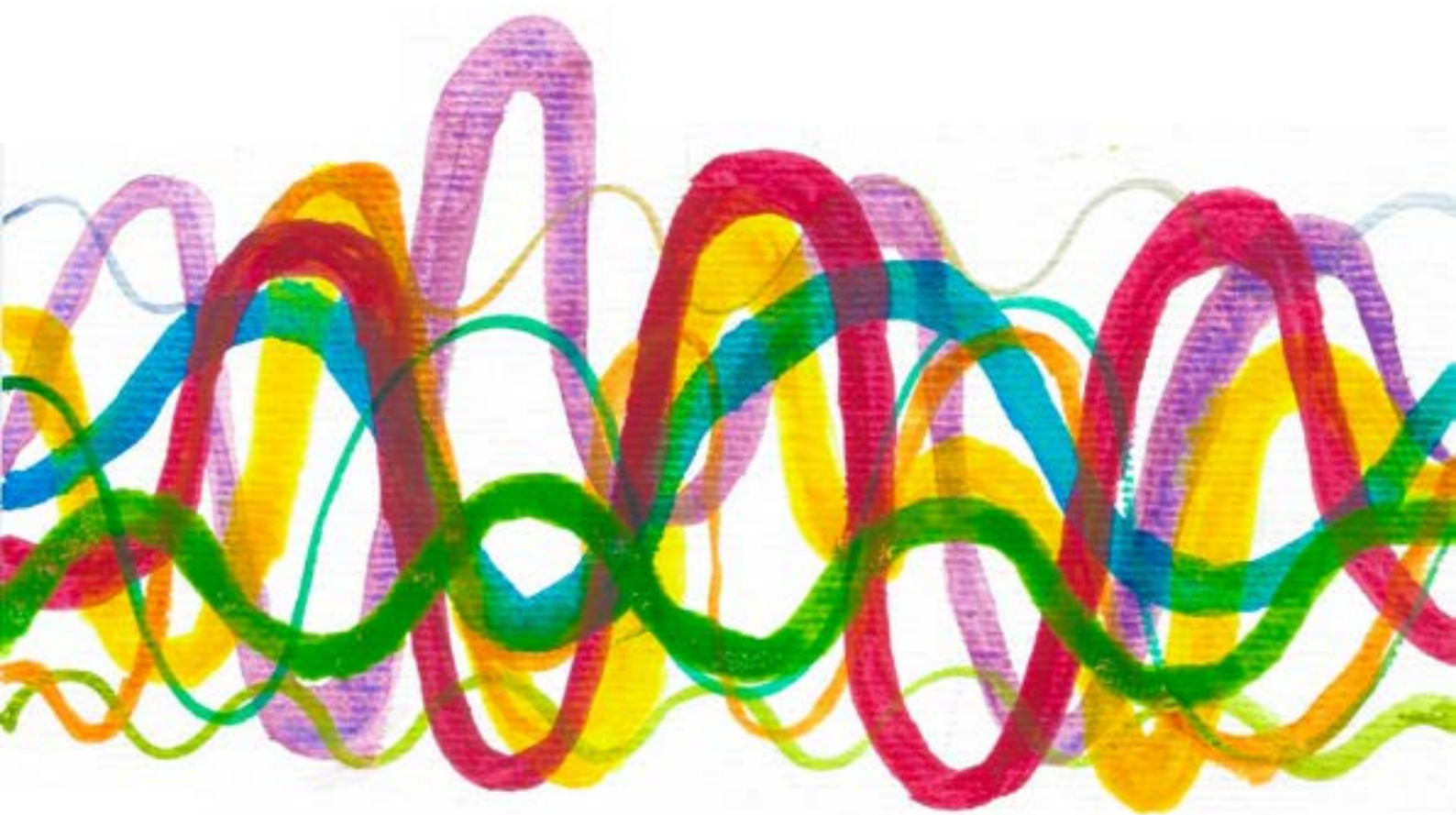


Vol. 2

Shaking Hands

2014_entre as linhas dos conflitos



brasil

building global friendship



Índice

quem somos nós	4
editorial	4
colaboradorxs	5
conflitos	6
resoluções	7
di-visão.....	8
consequências da agressão na infância	10
auto violência psicológica	11
adolescência, terceiro colegial e vestibular.....	12
início da vida sexual	13
meios de canalizar seus conflitos	14
relação pais e filhos	17
lei menino Bernardo.....	18
entrevista: professor e aluno.....	19
governo e povo	25
miopia social: o que seria?	26
cegueira privada.....	27
des-associação	28
hiato.....	32
polêmicas e divergências religiosas	34
a colaboração dos papéis de gênero em um conflito	35
shaking hands 2013: diversidade sexual e de gênero....	40

quem somos nós

O CISV é uma comunidade global que surgiu da ideia da Dra. Doris Allen, psicoterapeuta de crianças, após a Segunda Guerra Mundial, de que “a fonte principal para a paz, a longo prazo, estava nas crianças” e de que era necessário uni-las para aprenderem a respeitar valores comuns e diferentes do mundo. Hoje, o CISV envolve crianças, jovens e adultos em diferentes programas e atividades, buscando construir cidadãos globais que lutam por um mundo mais justo e pacífico.

Uma das áreas atuais do CISV é o JB (Junior Branch), que inclui jovens de 11 a 25 anos de

idade dispostos a desenvolver atividades educacionais e sociais a nível local, nacional e internacional, direcionadas à construção da comunidade, além do desenvolvimento de habilidades de liderança e interculturais. Responsáveis por projetos como essa revista que, paralelos aos acampamentos tradicionais do CISV, visam manter a promoção da paz por meio da educação.



brasil

building global friendship

editorial

A complexidade do ser humano gera, desde os primórdios da civilização, uma infinidade de conflitos. Conflitos internos, muitas vezes tão difíceis de serem compreendidos. Conflitos culturais, muitas vezes tão profundos que nos impedem de socializar. Conflitos religiosos e ideológicos, muitas vezes tão antigos e enraizados que soa quase impossível resolvê-los. E tais conflitos tendem a agredir, de forma psicológica ou até mesmo física, a sociedade como um todo e a cada indivíduo como um só, dificultando a resolução dos mesmos e a busca por um mundo mais justo e pacífico.

Com isso em mente, um grupo de jovens do JB Brasil resolveu, seguindo a tradição da Shaking Hands 2013, trabalhar o tema do ano do CISV de 2015: Conflitos e Resoluções. Além disso, levamos como base para nossas pesquisas a ideia de que agressões geram conflitos e, conseqüentemente, diferentes reações.

Nosso objetivo com essa edição não é que concordemos com tudo, muito menos afirmar que chegamos a conclusões sobre tantos conflitos da humanidade, mas sim constatar e afirmar a presença de tais divergências e instigar a reflexão pessoal de cada um quanto suas resoluções. Qual nosso papel como cidadão global participativo em relação a essa infinidade de conflitos que nos rodeiam?

Por fim, agradecemos a colaboração e dedicação de todxs que participaram da realização da segunda edição da revista Shaking Hands! É extremamente satisfatório ver a continuidade desse projeto que leva cada vez mais JBers a desenvolverem conteúdo educacional e a se desafiarem com novas temáticas.

Boa leitura e até a próxima!



Gisele Feder

colaboradorxs



conflitos

Conflitos são geralmente associados a emoções negativas. Apesar disso ser parcialmente verdade, há diversos outros elementos em um conflito além das emoções. Conseguir identificar os “ingredientes” de um conflito ajuda a entendê-lo e ainda mais a resolvê-lo.

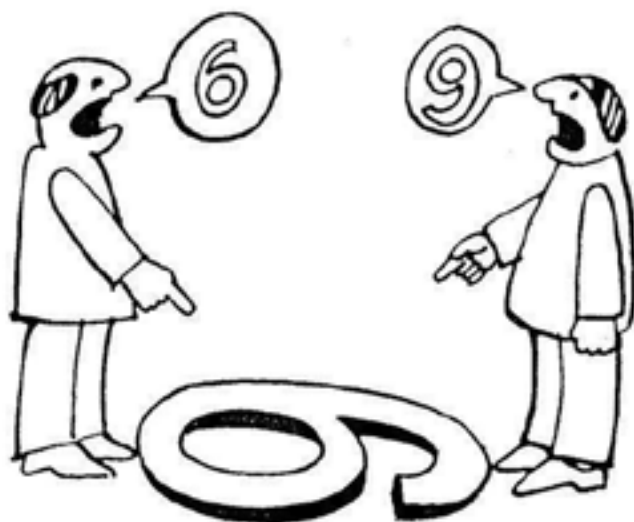
FATOS

Fatos são as ações (ou falta de ações) que ocorreram. Logo, os envolvidos no conflito geralmente devem concordar nos fatos.

Exemplo: Tom falou para Anna que ele gostaria de estar no mesmo grupo que ela. Mais tarde, a Anna entrou em outro grupo. O que o Tom pode entender com isso é “Anna não gosta de trabalhar comigo”. Isso até poderia ser verdade. Entretanto, o real fato é que Anna se juntou a outro grupo e esse é o único fato.

SENTIMENTOS

Nossos sentimentos refletem nossa interpretação pessoal em relação aos fatos. É por isso que fatos idênticos podem usualmente gerar diferentes sentimentos em diferentes pessoas. Exemplo: Algo que pode te deixar magoadx ou frustradx pode não causar a mesma frustração para outra pessoa, mesmo que os fatos sejam exatamente os mesmos.



NECESSIDADES

São as necessidades básicas que nos motivam como indivíduos. Pessoas diferentes tem necessidades diferentes e por isso duas pessoas podem ter duas reações diferentes para os mesmos fatos. São as causas para o que sentimos. Exemplo: necessidade de ser respeitadx e valorizadx, necessidade de ser compreendidx, necessidade de ser amadx, necessidade de ser reconhecidx.

[Adaptação e tradução livre de [Confronting Conflicts: A Toolbox for Understanding and Managing Conflicts](#)]

resoluções

Estilo de resoluções de conflitos

AGRESSIVA

A resolução acontece de uma maneira a coagir o outro e desrespeitá-lo, utilizando violência física, verbal ou gestual em relação às vontades, intenções, sentimentos, ideias e ações do outro.

SUBMISSA

A resolução não valoriza a própria vontade, sentimento e opinião, deixando prevalecer o desejo e ações do outro, de forma a evitar um enfrentamento da situação que originou o conflito. Essa resolução não ocorre pela concordância do sujeito e sim por sua omissão e fuga da realidade, como mudar sua opinião ou vontade diante da opinião e vontade do outro, Aceitar o que o outro determina mesmo não concordando, não expor suas ideias com receio da reprovação alheia ou se calar por medo de ser julgado.

ASSERTIVA

A resolução valoriza o diálogo, considerando e respeitando as próprias vontades, ideias, sentimentos, direitos e deveres, e as do outro com o mesmo valor e intensidade. Utiliza-se do diálogo como maneira de expor seus sentimentos e vontades, e ouvir os sentimentos e vontades do outro, buscando fazer-se entender e entender o outro, de maneira que o conflito seja resolvido de forma igualmente satisfatória para ambas as partes.

[Adaptação da tabela 1 do texto

[Resolução de conflitos entre gêneros: como meninas e meninos resolvem conflitos interpessoais](#)]



Imagem: [CONFRONTING CONFLICTS A Toolbox for Understanding and Managing Conflicts](#)



Seção 1
di-visão



Imagem: Yellena James

Nesta seção, as reflexões serão centralizadas no âmbito pessoal dos conflitos. Entendemos que para haver conflito de qualquer tipo, é necessário que exista alguma parte do todo que se separou, uma fragmentação ou divisão: de ideias, do ser ou de um paradigma. Enquanto essa divisão possa parecer negativa, o seu resultado pode ser exatamente o oposto. Retirando a primeira sílaba da palavra, ficamos com “visão”: ato de ver, compreender, perceber, ou assimilar o mundo exterior. Portanto, a partir da divisão, obtemos uma visão maior do problema, de quem somos e do mundo, assim podendo crescer e entender melhor a situação.

Conflitos Internos

consequências da agressão na infância

Não é difícil se encontrar hoje na seguinte cena: chegar em casa, ligar o jornal, e se deparar com casos de crianças e adolescentes agredidos por responsáveis e principalmente seus pais. É fácil para muitos assimilar que essa criança não terá uma vida normal, que elas terão que lidar com as consequências dessas agressões para ao longo da vida. Crianças que sofrem agressões quando pequenas tendem a desenvolver diversos tipos de distúrbios. Existem duas diferentes conclusões que o agredido pode tirar do ocorrido, se não for ajudado: a primeira é achar que o que aconteceu foi culpa dele mesmo e, a partir disso, começa a se autoagredir e achar que necessita de mais castigos, desenvolvendo características autodestrutivas, se tornando incapaz de ser feliz. A segunda, é achar que a violência é o caminho para conseguir tudo o que deseja. Essas pessoas se tornam violentas e criam um ciclo no qual o agredido se torna o agressor. Outra consequência muito comum nesses casos é o envolvimento intenso e frequente com drogas. A pessoa escolhe o efeito da droga como algo que a fará esquecer do que se passou, causando uma dependência química muito forte.

Todos esses fatos causam na população uma grande divisão de opiniões em relação à agressão de menores. Como podemos afirmar que mesmo as pequenas

palmas, normalmente usadas com fins didáticos, não podem ser interpretadas como uma agressão causando a essa criança consequências?

A maioria dos pais hoje em dia defendem que as palmas dadas em suas crianças servem apenas para corrigir seus atos. Esse tipo de castigo era comumente usado para mostrar à criança seus limites quando ela ainda tentava testá-los e não para causar algum tipo de distúrbio, afinal, “toda criança que leva uma palma corre para você um minutinho depois para brincar novamente”. Essas pessoas defendem que a palma é uma maneira de mostrar à criança que aquela atitude tomada está errada e que não deve ser repetida. Cris Poli, a “Supernanny brasileira”, afirma que o mesmo resultado pode ser alcançado por uma expressão firme, convicção e autoridade legítima e que nenhum tipo de agressão (verbal, física, emocional ou mental) deve ser aceita.



Imagem: Luna Buschi

auto violentação psicológica

CASO ALGUMA COISA ME ACONTECER,
INFORMEM A FAMÍLIA,
FOI ASSIM, ASSIM TINHA QUE SER



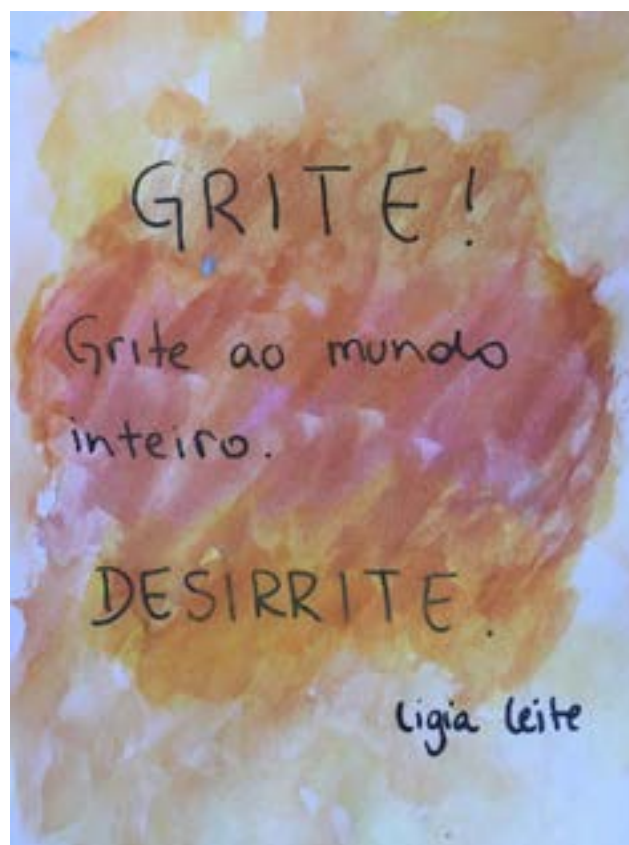
adolescência, terceiro colegial e vestibular

O período do 3º Ano do Ensino Médio, em que centenas de jovens na faixa de 17-18 anos tem que escolher sua opção de curso para a faculdade e se capacitar para a prova do vestibular, é conhecido como uma época frustrante, caótica e que transborda pressões internas, familiares e sociais.

O Vestibular no Brasil, atual mecanismo para ingressar nas universidades, exige dos estudantes um grande volume de informações e conhecimentos para serem estudados e avaliados por provas de diferentes formatos. Entretanto, além da pressão quanto ao conteúdo preparatório para tais provas, percebe-se uma grande dificuldade dos jovens na escolha de profissões, já que envolve não só o próprio desejo como também as vontades dos pais e as diferentes imposições sociais quanto aos diferentes cursos.

É perceptível que tal período de escolhas acompanha um difícil conciliamento com tudo que acontece ao redor desses jovens. Decidir se irá prestar vestibular logo após o término do 3º Ano, escolher seu curso, estudar tudo que é exigido nas provas e ainda conseguir finalizar a sua fase da adolescência de forma saudável e plena. Tudo isso desencadeia diferentes conflitos internos e por vezes familiares. Estresse, solidão, depressão e diferentes sentimentos estão presentes nas classes do 3º Ano.

É preciso ter um forte trabalho de orientação durante essa época, por meio de professores ou familiares, que ensine melhores formas de fazer suas escolhas, mantendo a calma, administrando tempo, etc. Só assim os jovens conseguirão iniciar a fase adulta conscientes de suas decisões, sabendo lidar com suas frustrações e se mantendo felizes.



[Download: Administrando o Stress: Confiança e Calma no Vestibular \(Paula Sampaio Schmitt\)](#)

início da vida sexual



meios de canalizar seus conflitos



Imagem: Estúdio 1+2

Foram entrevistadas 5 diferentes pessoas sobre coisas importantes em suas vidas que ajudam a resolução dos conflitos pessoais! Dê uma olhada! O que você gosta e que te ajuda a resolver seus problemas?

Ligia Leite (Rio de Janeiro)

Por que desenhar, pintar e escrever são importantes pra você?

Desenhar, pintar e escrever me faz transbordar. Me faz bem eu não seria eu se eu não fizesse essas coisas, porque me coloco no papel e, com isso, consigo cuidar de mim mesma. Tem gente que grita, eu pinto. Não é questão de escolha, é questão de necessidade.

Como desenhar, pintar e escrever te ajudam a resolver seus conflitos?

Isso me ajuda porque, sendo de um signo do fogo, eu vivo as coisas muito forte e intensamente. Eu guardo muitos sentimentos e os interiorizo em mim, então é um jeito de eu colocar para fora tudo isso sem prejudicar ninguém ao meu redor, sem ficar estressada ou de mau humor. Impede que surjam vários

conflitos, porque faz com que eu me entenda e compreenda melhor. Desenhar, pintar e escrever é minha válvula de escape que tira toda essa quantidade de sentimento que tem dentro de mim e me impede de explodir e gerar uma infinidade de conflitos.

“Um dia pinte um ser em uma prisão transbordando de coisas indefinidas e, sem ter visto o que eu tinha desenhado, minha mãe veio me falar que nos últimos tempos eu estava parecendo muito presa. Quando você pinta, você vê ali o seu próprio eu.”

Vinicius Feder (São Paulo)

Por que a música é importante pra você?

Música é uma linguagem universal que, para mim, representa a falta de limites entre pessoas e culturas de modo que cada um consegue ouvir o outro e se entender através da música de uma maneira única.

Como a música te ajuda a resolver seus conflitos?

A música representa um modo de resolver conflitos não verbal ou as vezes verbalmente através de letras, mas principalmente por sons que representam estados e emoções de espírito que vão além da comunicação física e talvez até metafísica. Ela me ajuda a organizar meus pensamentos quando preciso ou a me estimular a seguir em frente com meus conflitos.

José Alfredo Pistilli (SJK)

Por que a música é importante pra você?

Música é a trilha sonora da vida, né? Se você for pensar, o conceito de música está muito presente no seu dia-a-dia, desde o artista tocando na rua até o sinal de fechar as portas do metro, é tudo música. Mas pra mim, muito além disso, é uma forma de inspiração. Funciona também para congelar momentos ou pessoas que você talvez nunca quisesse se afastar assim associando uma música a cada momento. É inexplicável a força que ela tem de fazer você se apaixonar, se entreter, instigar e até mesmo se acomodar. Para mim, músico é quase que uma terapia quando se faz aquele som com a molecada pelo menos uma vez a cada duas semanas.

Como a música te ajuda a resolver seus conflitos?

Acho que a música consegue falar por você. Os conflitos que a música resolve na maioria são os pessoais, aquele que a maioria das pessoas não conseguem te ajudar. Seja ela funcionando em um desabafo na composição ou a confortação da pessoa que consegue transmitir o que você esta sentindo ou acha que faz associando com o que esta ouvindo.

Ana Paula Lima (Resende)

Por que a dança é importante pra você?

A dança é uma forma que eu encontro de me refugiar de qualquer energia negativa que possa me atormentar. A partir do momento em que você está dançando é só você, a música e milhões e de energias positivas. Significa uma felicidade certa, uma forma de expressar sentimentos e ideias. Um bom caminho para atingir sua paz de espírito.

Como a dança te ajuda a resolver seus conflitos?

A dança, por trazer energias positivas, ajuda na elaboração de soluções de mesmo caráter. Deixa a mente aberta a reflexões e ideias calmas, além de não existir ninguém interferindo. A dança acalma a alma, o coração e a cabeça, e tudo que você quer é fazer com que as outras pessoas sintam as mesmas coisas que você.

Isabelle Queiróz

Por que a religião é importante pra você?

A religião é muito importante pra mim porque ela me ajuda tanto emocionalmente, nas horas de lutas e de vitórias, quanto nas minhas decisões, como escolher entre o certo e o errado.

Como a religião te ajuda a resolver seus conflitos?

A minha religião me ensina que, para resolver conflitos internos, temos que ter calma, paciência, respeito, controle sobre seus atos e amor ao próximo. Se tivermos todos esses pontos, que são muito difíceis de controlar e, se tivermos eles em harmonia, não teremos conflitos com os outros nem com nós mesmos.

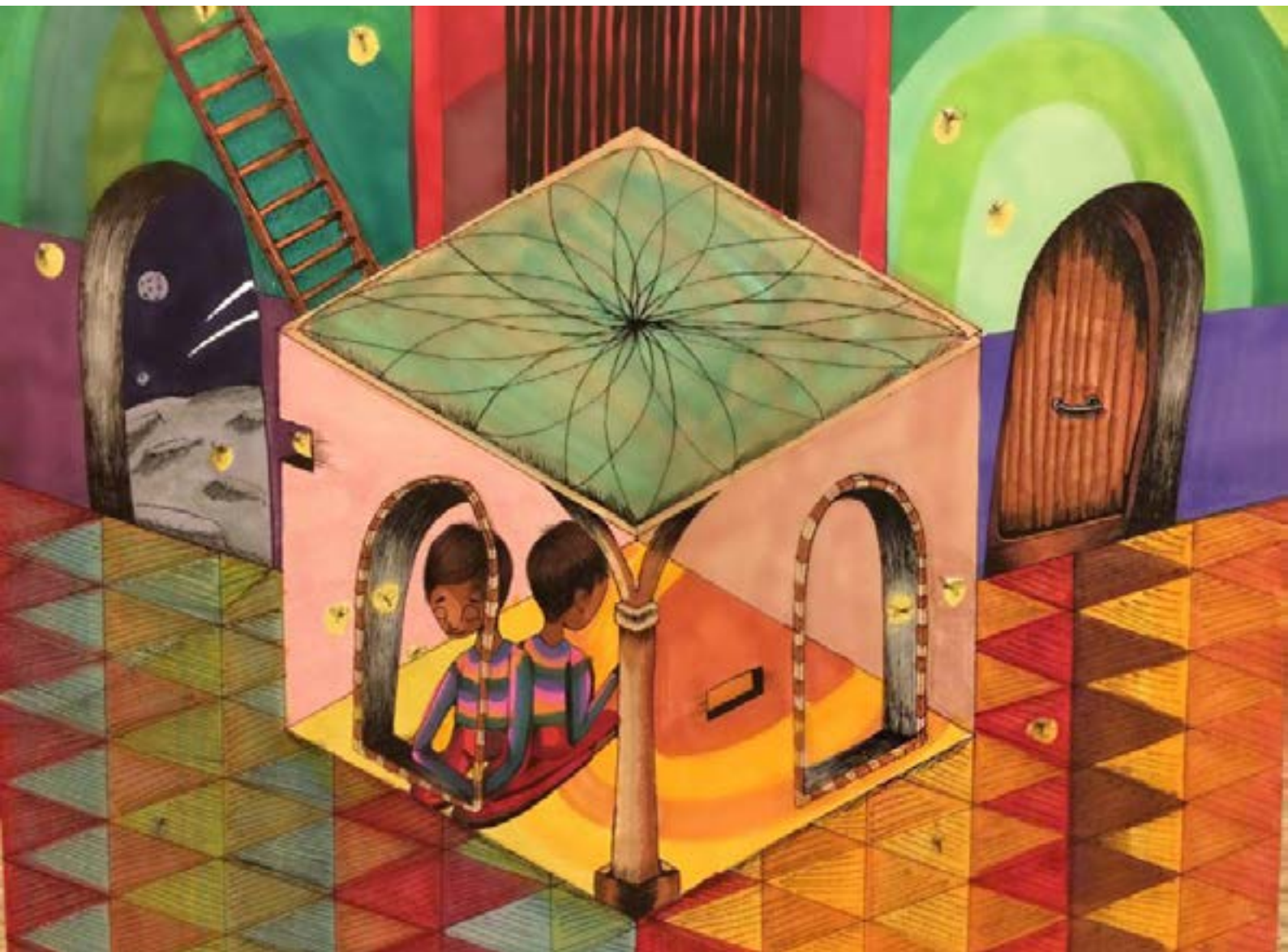


Imagem: Luna Buschi

Conflitos entre hierarquias e gerações

relação pais e filhos

Os tempos de hoje envolvem novas dinâmicas familiares. Não só a desconstrução da família de “pai, mãe e filhos”, como também novas hierarquizações e influências têm sido cada vez mais diversas.

Antigamente, era perceptível a submissão dos filhos em relação aos seus pais. A imposição de valores e deveres era extremamente rigorosa e, conseqüentemente, os castigos ainda mais violentos. A agressão estava presente tanto no surgimento de conflitos, já que a violência entre os familiares muitas vezes desencadeava barreiras entre os mesmos, quanto nas tentativas de suas resoluções, pois a agressividade era a forma mais comum de lidar com os filhos “fora dos trilhos”.

Com o surgimento de gerações contemporâneas e adaptadas a um novo meio mais democrático e liberal, houve uma tendência dos filhos, caso não ganhassem espontaneamente mais espaço e voz em sua família, exigí-los de formas muitas vezes ofensivas.

Apesar de ainda haver casos de violência física entre pais e filhos, a chantagem, a manipulação e a provocação ganharam força para agredir psicologicamente uns aos outros. Com isso, os conflitos

familiares passaram a ser muito mais densos e complexos, prejudicando suas resoluções.

É frequente a dificuldade de diversas famílias em conquistar uma atmosfera livre de conflitos, mas talvez a solução não esteja na ausência de desentendimentos e sim na resolução pacífica dos mesmos. Uma harmonia familiar só será alcançada quando, no lugar de uma hierarquização, houver uma horizontalidade que desencadeie, enfim, um respeito mútuo entre pais e filhos, os capacitando a compreender e resolver seus conflitos.



Assista!
We All Want To Be Young

Lei menino Bernardo

Entre todas as demonstrações de hierarquismo, seja ele natural ou imposto, a mais caótica hoje em dia é a entre pais e filhos. Há sempre o questionamento sobre o momento de dar independência e liberdade ao seu filho, como manter o respeito mútuo e principalmente como educá-lo.

Entre muitas maneiras de abranger e atingir esse tema está a Lei 7672/2010, a Lei Menino Bernardo (ou como apelidada pela imprensa, Lei da Palmada), proposta pela deputada Teresa Surita (PMDB-RR) em 2003 e aprovada pelo Senado em 4 de junho de 2014. O projeto recebeu no Senado o nome Lei Menino Bernardo, em homenagem ao garoto morto este ano no Rio Grande do Sul. O pai e a madastra dele foram indiciados pelo crime. Esta Lei visa à proibição do uso de castigos físicos ou tratamentos cruéis e degradantes às crianças e adolescentes. O texto altera o Estatuto da Criança e do Adolescente para incluir trecho que estabelece que os menores de 18 anos têm o direito de serem “educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante” como formas de correção ou disciplina.

Segundo a Lei, os pais que maltrataram os filhos serão encaminhados a cursos de orientação, tratamentos psicológicos além de receberem uma

advertência, e a criança que sofrer a agressão será levada a tratamento especializado. Caberá aos conselhos tutelares fazer a fiscalização e tomar as medidas, caso ocorra a violação da lei.

A lei hoje é muito questionada por ser considerada muito abrangente, há sempre a dúvida de se o que você faz com o seu filho é contra a legislação ou se deveria intervir na vida do vizinho para deixar com que as autoridades tentem ajudar, o que nem sempre funciona. A lei não veio com manual de instruções ou projetos de conscientização, como saberemos nosso papel para com ela? Todos esses questionamentos fazem com que hoje o efeito dessa lei não seja grande, o que é perigoso por tratar de algo muito sério. Esses conflitos devem sofrer intervenção muito cautelosa, para que não causem danos piores que os originais.



Imagem: Luna Boschi

entrevista: professor e aluno

Villy Creuz (Geógrafo e Professor, São Paulo)

Qual é o possível envolvimento do aluno nos conflitos que possam surgir nas relações interpessoais no espaço escolar?

Relações interpessoais são, por definição entre pessoas. É interpessoal: parece ingênua a frase, mas reside aí um princípio de coação, isto é, uma ação recíproca, que é muito valioso para pensar a relação entre indivíduos ou grupo de indivíduos. Inter: o termo leva a duas acepções complementares. A primeira acepção trata sobre o interno do sujeito. Na segunda acepção pesa a relação da subjetividade com a objetividade externa. Tanto aluno quanto professor são indivíduos particulares e singulares, isso significa dizer que são constituídos por trajetórias, condições materiais e imateriais de existência e cosmovisões.

O professor se relaciona com cada aluno, ainda que a relação não seja particular, mas sim aberta a um conjunto de pessoas (uma sala de aula, por exemplo). Nesse sentido, não há relação isolada, porque toda relação assume em si o conjunto ao qual pertence. O aluno é responsável por essa relação, tanto quanto ao professor lhe cabe parte dessa responsabilidade. Entretanto, não há relações no vácuo.

As relações se dão em ambientes, como sala de aula, mediação de objetos (quadro negro, projetor, giz, cadeira, janela etc.), e, portanto há também o peso do entorno sobre essa relação. Nessa direção, a própria escola, o Estado, e, certamente, o projeto pedagógico estabelecido como condutor geral da instituição escolar específica agem nessa configuração. Isso quer dizer que não há um olhar isolado sobre a forma como se desdobra uma relação entre indivíduos, mas um largo conjunto de vetores concomitantes, no qual todos possuem peso.

Qual o papel do professor ao lidar com tais relações e conflitos?

A princípio, seria necessário pensar a quais conflitos queremos fazer referência. Há uma miríade de possibilidades. O professor é, antes de tudo, um grande mediador. Por dar o tom do discurso, está inserido na dinâmica, mas é, a princípio, um mediador. A mediação do conflito pressupõe confiança e respeito diante de cosmovisões e expectativas díspares. Voltemos a isso na sequência de questões.



Imagem: Pode me chamar de Lissa

Como atualmente ocorre a relação professor - aluno?

A relação é nova num período em que também emergem novas situações. Acredito que a relação muda em cada fase da vida e do amadurecimento do aluno e também do professor. A relação não é a mesma para alunos entre 7 e 8 anos, se vistas sob o prisma de uma relação com alunos com 16 ou 17 anos de idade.

No mesmo sentido, o professor poderia ter 30 ou 55 anos; e as relações serem igualmente muito distintas. Não creio que haja uma lei geral que rege o comportamento das pessoas. Creio, contudo, que existam tendências. Enquanto tendência, acho que o período da globalização convida a um uso comum de notícias e referências do conhecimento vulgar e trocas de informações pessoais. Essa é uma novidade, porque a esfera privada do professor que lhe resguardava maior ar de "autoridade" sobre seus alunos tende a se perder. O professor é visto como colega, isto é, como igual.

Daí a relação de reciprocidade tem sido sobrevalorizada. De outro lado, o aluno passa a ter maior acesso ao campo do saber, o que tende a permitir maior interlocução. É uma nova ordem dialética: mudamos a posição dos atores. Todos são determinantes - isso não é o novo em si - o novo-novíssimo é que as pirâmides hierárquicas tendem a se esvanecer com a mudança das instituições, em especial, a Escola. Mudam-se os conteúdos das instituições, ao mesmo tempo em que mudam seus valores e sua organização. É, ao meu ver, a ascensão de um novo modus operandi, no qual aluno e professor são parceiros de um projeto comum, mais do que uma relação de subordinação ou obediência.

"Tanto aluno quanto professor são indivíduos particulares e singulares."

Villy Creus - Professor e Geógrafo

De que maneira podem ser desencadeados conflitos entre professor -aluno? E como agressões (psicológicas ou físicas), tanto por parte do professor quanto do aluno, podem influenciar isso?

Vou responder com uma citação da Marilena Chauí, no discurso que ela fez, na ocasião do recebimento do título de Doutor Honoris Causa em Filosofia, concedido à autora pela Universidade de Paris VIII, em 20 de junho de 2003: “O desejo de viver uma existência filosófica significa admitir que as questões são interiores à nossa vida e à nossa história e que elas tecem nosso pensamento e nossa ação. Significa também uma relação com o outro na forma do diálogo e, portanto, como encontro generoso, mas também como combate sem trégua. Encontro generoso porque, como nos diz MerleauPonty, no diálogo somos libertados de nós mesmos, descobrimos nossas palavras e nossas idéias graças à palavra e ao pensamento de outrem que não nos ameaça e sim nos leva para longe de nós mesmos para que possamos retornar a nós mesmos. Mas também combate sem trégua, porque, como explica Espinosa, embora nada seja mais alegre e potente do que a amizade e a concórdia, os seres humanos são mutáveis, somos passionais e naturalmente inimigos, excitamos discórdias e sedições sob a aparência de justiça e de equidade. Por isso, diz ele, precisamos evitar os favores que nos escravizarão a um outro e somente os que são livres podem ser gratos uns aos outros, experimentando

em sua companhia o aumento de sua força de alma, isto é, a generosidade e a liberdade”. Publicado na íntegra: REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS 17 (49), 2003. Conflitos se dão em qualquer relação: somos seres passionais e vivemos em combate sem trégua. É preciso uma atitude filosófica para fomentar uma prática virtuosa, em todos os campos e âmbitos de relações.

Até que ponto a autoridade profissional de um professor ou o descaso de um aluno pode ser considerado um tipo de agressão causadora de um conflito entre ambos?

A vaidade é um atributo humano. O excesso dela pode fazer enxergar seu próprio discurso como muito valioso a alguém ou a ausência de interesse pelo seu discurso como uma agressão.

A vaidade tende a gerar tais distúrbios, manifestados através de conflitos. Uma postura mais sábia, na noção de sabedoria em Espinosa, levaria a uma cessação de potenciais conflitos interpessoais de natureza exageradamente apegados aos próprios valores. Isso nas duas pontas. É dizer, tanto ao professor, quanto ao aluno. Sobre a autoridade, talvez valha dizer que ela não é condição em si mesma: ela é resultado de um processo de conquista, sedução inclusive, no sentido mais amplo do termo, do seu interlocutor. A idéia é de oferecer ao outro um mundo de imagens ao este também acessa.

De sorte que ambos possam discorrer daquilo que lhes é comum, numa ordem hierárquica de conceitos. A isso dá-se o nome de teoria. A autoridade, nessa relação, seria o resultado da confiança depositada por um grupo de indivíduos (alunos) que acreditam que a teoria oferecida pelo professor é uma lente possível para o entendimento do mundo comum.

O descaso pode chegar por diversas razões e, de novo, o risco de leis gerais. Pode-se exigir de um indivíduo em sofrimento atenção inteira? Mas todos sofremos em algum momento de nossas vidas. Como exigir de alguém algo que ela não pode oferecer a si mesma? Não vejo sentido nisso. Acredito que é preciso encontrar as pontes de diálogo possíveis, diante das situações apresentadas, sem terrorismos e nem excessos de pressão. Notas e ameaças sempre me soaram como uma espécie de chantagem. Como professor, esse recurso é o reconhecimento da minha própria falta.

Quais as possíveis soluções e maneiras de lidar com conflitos entre professor - aluno?

O termo conflito é muito amplo. Não sei se entendo o termo. Imagino a priori três cenários nesse contexto em que aportam a mim uma fala:

1. Conflito pode ser relativo ao embate de ideias. Nesse caso, o conflito é desejável. Significa que posso dialogar com o outro. Meu papel como educador seria deleite se essa fosse a situação.

2. Se o conflito é descaso generalizado, poder-se-ia considerar as raízes das situações. Ao professor é dado o papel de responsável por identificar, compreender e orientar a tais conflitos. O professor é, antes, um orientador. No sentido de que pode e deve oferecer direções possíveis ao sofrimento de um indivíduo. Entretanto, a relação de orientação pressupõe empatia e não podemos imaginar que todos possuem empatia recíproca. É preciso encontrar alguém, no leque de professores que cada aluno venha a encontrar, em quem seja possível depositar confiança. Lembremos que o ato de confiar é um dos trabalhos mais árduos e solitários dessa vida; e se apresenta como desafio e crença no caráter alheio desde nossos primeiros anos. É também um trabalho ininterrupto e de grande coragem. Confiar exige espíritos fortes. E, ao contrário do que se imagina, ingenuidade e confiança não são pares. Confiar e saber em quem confiar é um método para edificar pontes, num mundo feito de conflitos: invisíveis, silenciosos, “autoimunes”, etc.

3. Se o conflito é ameaça física, o medo e a repressão dão lugar ao embate de ideias. Nesse caso, o peso institucional dos valores comuns precisa prevalecer no sentido de permitir coesão recíproca e ordem para o fluir de ideias. As trocas de ideias sucumbem frente à força física. A instituição, nessa dinâmica, precisa ser forte o suficiente para garantir esse fluxo.



Imagem: DJ Neff e Paul Ramirez

Enrico Costa (Aluno, São Paulo)

Qual o possível envolvimento do aluno nos conflitos que possam surgir nas relações interpessoais no espaço escolar?

Todas as escolas seguem uma dada metodologia. Desta maneira, a forma com a qual conduz a escolarização dos alunos está atrelada ao método adotado. Acontece que cada aluno é singular na sua forma de ser, e seu olhar sobre o mundo pode se distanciar daquilo que é esperado pelo método; uma das grandes dificuldades que se tem na pedagogia. Isso resulta numa relação conflitante entre aluno e escola personalizada por professores, coordenadores e diretores. Como aluno, vejo que meu envolvimento com este conflito se dá com a manifestação de minha insatisfação com o projeto pedagógico da escola. Objetivo que é atingido ou agressivamente com vandalismo ou agressão e de maneira psicológica, com o descaso

à instituição. Mas há também a opção de um diálogo mais profundo com a escola, atitude que, particularmente, acredito ser mais eficaz e inteligente.

Qual o papel do professor ao lidar com tais relações e conflitos?

O professor é o agente direto da educação, pois é ele que faz o intermédio entre o projeto pedagógico e o aluno e, por isso se torna a personagem mais importante nos conflitos escolares. Ele deve não só aplicar a metodologia escolar, mas também interpretar as singularidades de seus alunos para que esse objetivo seja satisfatoriamente cumprido. Além disso, acredito que sua função seja contribuir na formação política, moral e cívica de seus alunos, e, dessa maneira, deve promover o diálogo entre aluno e escola.

Como atualmente ocorre a relação professor - aluno?

Como aluno do ensino médio o que tenho observado é que a relação está se tornando cada vez mais impessoal. A figura do professor se assemelha cada vez mais a de um palestrante, ou seja, se distanciando cada vez mais de um agente para a formação moral, política e cívica de seus alunos, elementos de suma importância.

De que maneira podem ser desencadeados conflitos entre professor - aluno? E como agressões (psicológicas ou físicas), tanto por parte do professor quanto do aluno, podem influenciar isso?

A escola é um lugar conflitante. O aluno que não se vê reconhecido ou estimulado por ela acaba se revoltando contra essa das mais variadas formas. E o professor, como agente direto da educação, é o principal alvo dessa revolta, o que o torna vítima de inúmeras agressões físicas ou psicológicas por parte dos alunos. Por outro lado, o professor desinteressado ou que não está ciente da importância de seu trabalho pode utilizar de sua posição privilegiada com os alunos para agredi-los psicologicamente, descarregando neles conflitos de cunho pessoal.

Até que ponto a autoridade profissional de um professor ou o descaso de um aluno pode ser considerado um tipo de agressão causadora de um conflito entre ambos?

Acredito que ao abusar de sua posição privilegiada perante os alunos, o professor está causando uma agressão aos mesmos. Isso pode se dar tanto na instância psicológica com a indução de ideias para os alunos, quanto na abordagem de assuntos particulares, na utilização da chantagem ou até mesmo na perseguição. Como também pode se dar na instância física, com a utilização da violência do profissional contra os alunos. No caso do aluno, vejo o descaso como uma falha da própria instituição, e dessa maneira não o vejo como uma forma de agressão, mas sim de protesto.

Quais as possíveis soluções e maneiras de lidar com conflitos entre professor - aluno?

Acredito que a melhor forma de lidar com esses conflitos seja melhorando o diálogo entre esses dois grupos. Professores e alunos no ambiente escolar partilham do mesmo objetivo: a educação. Desta maneira, é importante que trabalhem em conjunto para concretizá-lo.

Imagem: Projeto nós



governo e povo

Imagem: Estúdio 1+2



Por definição, democracia “é a forma de governo que a soberania é exercida pelo povo”, que, por meio de seus conhecimentos e interesses em consolidar o desenvolvimento da sociedade em que vive, escolhe seus representantes, os quais tornarão reais os interesses da maioria.

Ao passar essa ideia para a prática, a situação se inverte. A falta de educação inviabiliza o voto crítico e sensato, pautado em ideias, com pensamento coletivo e que visa o melhor aproveitamento das habilidades de uma comunidade. O resultado disso provoca uma fácil manipulação em grandes escalas, em que a democracia submete-se a dois fatores: o dinheiro e a mídia. Com isso os candidatos fazem o que querem a partir de vontades particulares, já que o povo deixou de se importar.

Instala-se um regime de impunidade, a caridade toma o lugar da justiça e começamos a viver em uma nação preenchida por corrupção sem limites, pois a punição deixa de existir e o ladrão passa a ser o correto e normal. Esse é o perfil da chamada violência simbólica, em que, por ser legitimado, livra-se de qualquer suspeita.

Caso o povo soubesse o poder que tem, a alienação não chegaria a um ponto em que mesmo em uma ditadura da corrupção, como a que vivemos, nada ou muito pouco é feito. A tal soberania destinada ao povo sofreu retrocesso, se um dia existiu. O Estado faz, o povo aceita, não rejeita, não questiona; o governo manda e a hierarquia se instala.

Conflitos decorrentes da miopia social

miopia social: o que seria?

Na sociedade em que vivemos, grande parte da população está sujeita a miopia social, condição na qual o indivíduo deixa de enxergar outras classes sociais ou outros grupos de pessoas, tratando as questões referentes a essas pessoas com indiferença. A miopia social ocorre em situações nas quais, embora haja convivência entre aqueles que se encontram míopes e os grupos que sofrem pela invisibilidade, a presença dessas pessoas no dia-adia se passa despercebida, tornando-se parte da paisagem em que todos habitamos.

Um estudo clássico da sociologia trabalha esse conceito observando a diferença de tratamento que uma mesma pessoa recebe ocupando funções sociais diferentes, quando se faz passar por uma situação que não lhe é habitual, passa despercebida. Esse estudo foi feito no Brasil por um prestigioso psicólogo da Universidade de São Paulo que passou oito anos como gari e conta que foi tratado como um fantasma; nos EUA, um famoso e talentoso violinista, o qual as pessoas pagam altos valores para assistirem, passou 45 minutos tocando no metrô e não recebeu atenção nenhuma por conta do local e situação que estava tocando. É por conta desse fenômeno que podem ser observadas a ocupação de regiões periféricas por grupos desfavorecidos socialmente, e a

presença frequente dos que sofrem por conta da invisibilidade em papéis de submissão e inferioridade tanto profissional quanto social, reafirmando preconceitos.

A miopia social promove a cegueira quanto a diversidade e a perda da capacidade de colocar-se no lugar do outro e enxergá-lo como indivíduo. Logo, a condição insensibiliza os envolvidos e gera conflitos por desentendimento quanto aos motivos e razões do outro. A valorização do mosaico social que constitui o mundo atual através de uma maior inclusão desses grupos na sociedade é uma maneira de trabalhar essa questão e resolver os conflitos que advêm dela.

“A miopia social é um patologia que se cura com óculos da realidade, descarte as lentes que te vendem por aí, elas fazem propaganda enganosa.”



Assista!
Projeto Youth Meeting São
José dos Campos 2008

cegueira privada

A sociedade fechou seus olhos para a realidade do mundo: violação grave e diária dos direitos humanos básicos da população e aguarda, talvez, uma ação externa milagrosa, e improvável, que reverta essa situação. Ela desistiu de fazer o que é seu papel essencial (reivindicar as suas necessidades) e, porque talvez seja mais fácil, adota o método do “si por si” em que cada indivíduo ou grupo de indivíduos desenvolve e vive em um mundo privado que atende exclusivamente as suas necessidades.

A miopia social faz com que grande parte do espaço em que vivemos vire apenas uma paisagem do dia-a-dia, ou seja, tudo aquilo que exige mudança deixa de ser ou é pouco perceptível aos olhos das pessoas. O estresse e correria do cotidiano vivido pelas populações urbanas colaboram diretamente para esse processo de cegueira em relação aos aspectos da sociedade; não há tempo para perceber e se preocupar com algumas das prioridades do ser humano, como lazer, família e coletividade.

Pelo fato de não enxergarmos a realidade que nos cerca, não lutamos pela mudança, não reivindicamos o que é de nosso direito, não colaboramos suficientemente para o desenvolvimento da comunidade. Como já dito na introdução, tentamos mascarar a realidade criando uma área privada de vivência, que idealize esse mundo que todo ser humano precisa, no qual há um equilíbrio entre lazer, trabalho, segurança, família, amigos e outras necessidades da vida.

Aos que têm condições financeiras, há a possibilidade de viver isoladamente da realidade e pagar por um mundo que seja mais próximo daquele ideal. Por isso, cresce o número de condomínios fechados que fornecem grande parte das necessidades de seus moradores dentro do seu perímetro, evitando sua saída. Esses condomínios-clubes disponibilizam vários espaços de lazer, shopping centers, supermercados, consultórios médios, etc.

Apesar disso, no Brasil grande parte da população está distante dessa realidade de viver em uma área privada. Mas, assim como os membros da classe alta, busca a adaptação do cotidiano para driblar os seus problemas, ao invés de enfrentá-los e solucioná-los. Como exemplo pode-se citar essa grande ambição por ter um carro próprio, fugindo do transporte público ineficiente e usufruindo de um bem particular. Pensamentos individualistas como esses agravam os problemas dos centros urbanos brasileiros e colaboram ainda mais nesse processo de cegueira em relação à sociedade: é a miopia social levando à miopia social.

Portanto, o ciclo causado pela ignorância desestimula a proatividade dos cidadãos, retardando o desenvolvimento do meio onde vivemos. Observar as situações do nosso cotidiano com olhar crítico é de grande importância para a formação de uma comunidade mais inclusiva e, sobretudo, mais humana.



Imagem: Yellena James

Seção 2

des-associação



Nesta segunda seção discutiremos os conflitos que afetam a sociedade como um todo e que apresentam dois, ou mais, pontos de vista divergentes. Assim, já partimos do pressuposto que partes da sociedade estão desassociadas em relação a algum tópico. O que é comum em todas elas, no entanto, é que todas acreditam que estão certas e todas irão lutar por isso. Compartilhar ideias e questionar uns aos outros, é uma forma de, mesmo com posições diferentes, nos associarmos novamente, em um campo do meio, onde possam haver discussões pacíficas sobre esses tópicos. Afinal, os conflitos não irão parar de surgir, mas podemos aprender a lidar melhor com eles.

CONFLITOS ENTRE CLASSES SOCIAIS

Essa charge faz referência aos movimentos denominados “Rolezinhos”, um exemplo concreto de conflito entre classes, que ocorreram no país no final do ano de 2013 e início do ano de 2014.

Basicamente, foram encontros marcados via redes sociais por jovens da periferia em Shopping Centers frequentados pela elite brasileira. Esses encontros que chamaram a atenção do país causaram um choque entre as diferentes classes sociais e enfatizou ainda mais a desigualdade social no Brasil.



Imagem: Duke

Os Shoppings Centers, que se diziam abertos ao público, se posicionaram duramente contra a entrada de jovens, que aparentavam de menor poder econômico, em seu espaço.

Mas espera aí, não era um lugar aberto ao público? Ou só pode entrar quem usa roupa original de marca e carrega cartão de crédito na carteira? O jovem que vem lá da periferia, deficiente em infraestrutura de lazer e espaços culturais, para estar em um lugar que apresenta um maior conforto é impedido de entrar?

É essa crítica que faz a charge: as classes altas brasileiras, mesmo defendendo a redução da desigualdade social, não querem fazer esforços que exijam o contato direto com essas camadas mais baixas, não querem compartilhar bens e locais que, até então, eram de seu uso exclusivo.



Imagem: Quino

Talvez fosse mais fácil escondê-los. Mas é desumano. No Brasil, um dos países com os maiores índices de desigualdade social, o que acontece é isso: uma separação e distanciamento de indivíduos pertencentes a classes sociais diferentes. Devido ao fato dos sistemas públicos de educação, lazer, cultura e esporte serem ineficazes ou insuficientes no nosso país, não há integração ou até mesmo interação entre as populações de realidades diferentes, que acabam por frequentar lugares diferentes. O jovem rico estuda na escola particular, os mais pobres na escola pública. O rico frequenta condomínios e shoppings de luxo, os mais pobres as quadras precárias e campos públicos de futebol. O rico mora nas zonas mais desenvolvidas e bem estruturadas da cidade, os mais pobres vivem nas zonas afastadas dessas áreas. Não percebemos, mas com o tempo cria-se uma cultura de exclusão, pois, afinal, “não é mais fácil escondê-los?”.



Imagem: Quino

(Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.)

Decidimos quais são as nossas próprias prioridades. A ideia da tirinha acima também é representada na exclamação abaixo: “A população da Favela do Alto vivenciou hoje momentos (de terror. Polícia e traficantes trocavam tiros nas ruas estragando o que poderia ter sido um domingo) de alegria e descanso.” Um mundo mais justo e pacífico é sobre se preocupar em enxergar a realidade, para que se possa agir transformando-a e aproximando-a a uma vivência mais humana, mais verdadeira e mais repleta de cidadania. Estejamos atentos ao que pede por mudança no mundo.

hiato

Hiato: “Em agosto de 2000, um grupo de manifestantes organizou uma ocupação em um grande shopping da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O episódio obteve grande repercussão na imprensa nacional e ainda hoje é discutido por alguns pensadores. O filme recuperou imagens de arquivo e traz entrevistas de alguns personagens 7 anos após essa inusitada manifestação.”



Assista!
Documentário Hiato - GumeFilmes

Rolezinhos: “Desde o fim de 2013, jovens têm organizado encontros pelas redes sociais, principalmente, em shoppings da capital paulista e da Grande São Paulo. Os eventos ficaram conhecidos como “rolezinhos”. A primeira iniciativa a ganhar repercussão aconteceu no Shopping Metrô Itaquera, Zona Leste de São Paulo, em 8 dezembro. Algumas lojas fecharam com medo de saques e o centro comercial encerrou o expediente mais cedo. [...] Os organizadores definem os encontros como um “grito por lazer” e negam qualquer intenção ilegal, mas viraram alvo de investigações policiais.” (Leia mais [aqui](#))

Uma reflexão pessoal.

É comum acharmos pessoas que são contra a desigualdade, mas que têm experiências mínimas para entender o que a mesma realmente representa. A defesa da igualdade, então, mesmo que genuína, torna-se quase utópica. Vejam, não estou dizendo que por ser utópica seja menos importante. Não. Eu mesma me coloco nesse grupo, o grupo que “vive na bolha”, e nem por isso invalido meus argumentos. Mas reconheço que, frente a uma situação de extremo contraste social, minha primeira reação talvez não fosse completamente compatível com o meu discurso. Antes de tacarem pedras e me chamarem de hipócrita, tentem entender. A manifestação que

aconteceu em 2000, divulgada e comentada pelo documentário Hiato, tanto quanto os ‘rolezinhos’ mais recentemente, escancararam o conflito entre classes sociais existentes desde as primeiras civilizações. Ao refletir sobre essas situações, me perguntei: Como eu reagiria? O que eu sentiria? E minha resposta me espantou: Eu teria medo. E se instalou um sentimento de desgosto pessoal em mim, pois antes disso eu poderia ter ficado muito tempo argumentando por que todos deveriam ter os mesmos direitos, inclusive o de lazer. Mas a partir do momento em que esses direitos são exercidos de fato, eu reajo com medo?

Alguma coisa não estava certa nesse cenário. Antes de me autorrotular preconceituosa, fui pesquisar e refletir mais sobre esse conceito. De acordo com o dicionário Michaelis, preconceito é definido por “conceito ou definição formados antes de ter os conhecimentos adequados”. Quando nos deparamos com o desconhecido, é inevitável que tenhamos uma resistência, ou preconceito, inicial. O problema é quando fixamos essa ideia e não abrimos espaço para que ela mude. A partir daí, o passo para o ato discriminante violento, moral ou físico, é muito rápido.

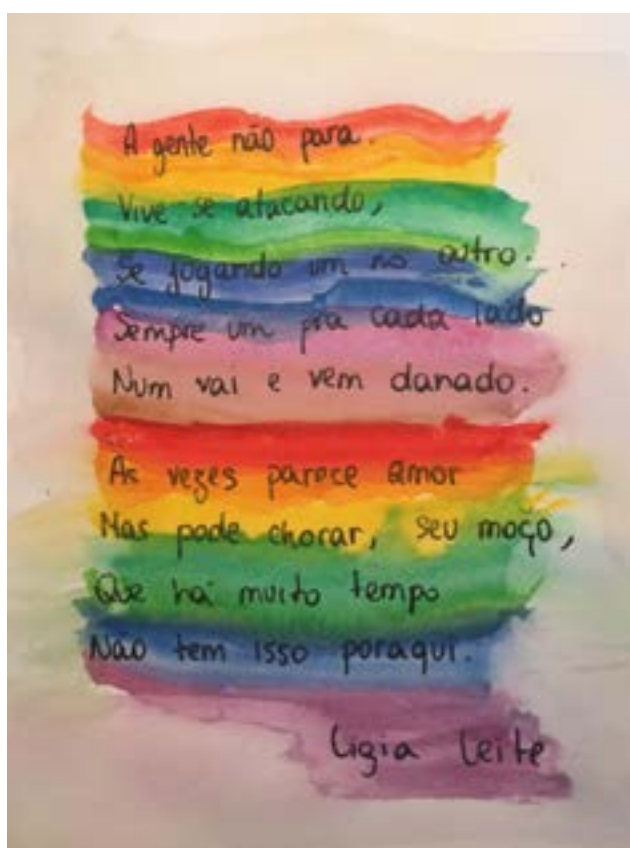
Voltando à minha situação, ao assistir ao vídeo eu estaria passando pela fase de assimilação de uma situação desconhecida. Naturalmente, como dito acima, eu tive uma reação não tão amigável. Mas o próprio movimento de reconhecê-la como negativa, já indica uma mudança de pensamento a respeito do problema. Eis o meu argumento de que a defesa utópica é importante do mesmo jeito. Ao vivenciar a situação pela primeira vez, mesmo que haja a resistência inicial, você fortalece seus argumentos e pode usá-los com mais propriedade.

Às vezes, tenho a impressão de que passamos muito tempo dissecando uma situação: o que está errado, os absurdos da sociedade e tudo o que temos para criticar, mas esquecemos de algo essencial: assimilar o que nós sentimos em relação a ela. Acredito que esse

é o primeiro passo para promover mudança. Do micro para o macro.

De dentro para fora. Isso nos permite acessar nossos filtros pessoais, nosso contexto social, nossas experiências e entender como eles agem em nosso julgamento.

Compreendendo isso, conseguimos mudar nosso comportamento e influenciar os outros a fazerem o mesmo. É uma forma muito mais certa para a resolução de conflitos do que procurar soluções complexas para problemas mais complexos ainda.



CONFLITOS RELIGIOSOS

polêmicas e divergências religiosas

Se analisarmos as civilizações humanas ao longo dos anos podemos perceber que a maioria delas apresenta algum tipo de fé, algum tipo de religião. As religiões foram o elemento mais forte na formação do que hoje chamamos de cultura, e foram determinantes para a criação de povoados e países.

Os povos cresceram um ao lado do outro cada um com a sua particularidade, mas infelizmente, hoje percebemos que ao longo desses anos foi mais que normal o conflito gerado pela diferença entre esses povos, que não cessaram até os dias de hoje. Culturas que tiveram anos para se observar e entender umas as outras parecem deixar tudo de lado e continuar a julgar até se fechar para eles mesmos.

Com o passar dos anos e com a globalização sendo cada vez mais real esperamos que o conhecimento do que está lá fora aumente, e tende a aumentar para que assim, não necessariamente todos os conflitos se cessem e haja uma homogeneidade religiosa, mas sim que perpetue a tolerância e o respeito entre todas as crenças.

[LEIA! 7 Conflitos atuais causados por diferenças religiosas](#)



Imagem: Clara Coutinho

CONFLITOS ENTRE DIFERENTES GÊNEROS

a colaboração dos papéis de gênero em um conflito

Quando falamos sobre conflitos causados pelas relações de gênero não podemos deixar de discutir, simultaneamente, o papel de cada gênero na sociedade. Esses conflitos estão diretamente relacionados com o “dever” e “obrigação” que cada indivíduo, seja ele homem ou mulher, deve assumir na sociedade em que vive.

E, ao se falar em papel de gêneros, voltamos ao tema abordado pela Shaking Hands 2013 (diversidade sexual e de gênero). O papel de cada gênero na sociedade diz respeito ao dever e posição que determinado gênero deve tomar em frente ao meio social em que vive. Caso determinado indivíduo não cumpra com sua responsabilidade pré-estabelecida pela própria sociedade, pode-se dar início a um conflito.

Por exemplo: quando um homem heterossexual casado sai para trabalhar e só volta no final da tarde, ele espera que sua esposa (mulher) tenha preparado a comida, lavado suas roupas e organizado a casa. Caso ela não tenha feito isso, muito provavelmente começaria uma discussão entre o casal, pois é estabelecido que a mulher deve trabalhar em casa e é seu papel cozinhar para seu marido que sai para trabalhar e ganhar o dinheiro que sustentará a sua família (vale lembrar que nos últimos anos essa situação tem mudado, apesar de ainda ser frequente).

Outro motivo que leva a um conflito entre gêneros são os estereótipos frequentemente

citados no dia-a-dia que generalizam ou ridicularizam as ações e atitudes de homens e mulheres. É comum ouvir, por exemplo, que “homem não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo” ou “mulher no volante é perigo constante”. Afirmações como essas só alimentam a ideia de que a capacidade dos indivíduos de lidar com diferentes situações é diretamente influenciada e limitada pelo gênero dos quais pertencem. Essas colocações desnecessárias colaboram para nos distanciar cada vez mais de uma sociedade baseada na equidade entre as pessoas.

Conflitos surgem naturalmente no convívio entre os seres humanos, mas muitos deles podem e devem ser evitados através do diálogo, da mente aberta, do entendimento e, por fim, mudanças culturais na sociedade. Os conflitos entre gêneros só deixarão de ser frequentes quando a sociedade mudar seus hábitos e parar de estimular uma padronização dos papéis de gêneros, eliminando os preconceitos e rótulos que atualmente tiram a liberdade dos indivíduos de escolherem livremente o seu projeto de vida sem que os outros os julguem por suas decisões.

**“Disse que me queria
me rendi
mas se desdisse tão fácil
que eu caí ”**
Lígia Leite

Lei 11340/06

A luta pelos direitos femininos não é recente e é altamente questionada. Afinal, por que as mulheres deveriam ter direitos específicos? Do onde surgiu essa “rebeldia”? Ou, por que essa necessidade tão específica e urgente se todo ser humano é “igual”? O Brasil levou no mínimo 23 anos e inúmeros casos de violência contra a mulher para avaliar a necessidade de uma lei específica para essa causa. E eis que após duas tentativas de assassinato pelo marido, várias recorrências à justiça e a chegada do caso à Comissão de Direitos Humanos dos Estados

Americanos (OEA), Maria da Penha conseguiu, com ajuda, fazer com que homologassem, em 2006, a Lei que leva seu nome sendo assinada pelo então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

Seu artigo primeiro diz: “Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, (...) e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.”. Ela aplica-se sem distinção de raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, ou seja, a qualquer mulher que se sentir passível de seu uso.



Imagem: Beatriz Milhazes



Imagem: Kim Roselier

A analogia

Toda a luta pelos direitos femininos se por um lado deu espaço à mulher, realizou conquistas e concedeu-lhe uma voz dentro de uma sociedade machista, por outro lado operou na negação daquilo que defendia: a equidade entre os gêneros. Errôneamente pensa-se que o contrário de machismo é o feminismo, pois muitas vezes as pessoas não possuem o conceito correto desse termo. O feminismo é, nestes casos, entendido como uma espécie de supremacia feminina sobre o homem que, desde o princípio da história como conhecemos, foi considerado o “sexo forte” (temas abordados pela revista Shaking Hands 2013). Tal pensamento leva o homem a ser oprimido, fazendo com que ele seja recriminado de forma pejorativa quando sofre de ações e sentimentos mais comuns a mulheres e até mesmo considerados “de mulher”. A violência doméstica é uma destas “ações comuns sofridas por mulheres”, o que leva o homem que sofre isso a ser completamente ignorado.

Mas já houve quem contestasse tal visão. Em 2008, um homem denunciou a ex-esposa por agressões físicas, psicológicas e financeiras; o caso recebeu uma visão inovadora do juiz Mário Roberto Kono de Oliveira, do Juizado Especial Criminal Unificado de Cuiabá, que entendeu que, nesse caso, o homem era a vítima. Apoiou então o uso da Lei Maria da Penha por analogia, uma vez que não existe lei alguma, especificamente, que defenda o homem contra esse tipo de violência. Mário inclusive incentiva que mais denúncias desse tipo sejam feitas, pois não é motivo de vergonha pedir ajuda ao Poder Judiciário por motivos de agressão doméstica.

DESTAQUES

Apenas 2%

da população nunca ouviram falar da Lei Maria da Penha.

7 em cada 10

entrevistados acreditam que a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos.

69%

acreditam que violência contra a mulher não ocorre apenas em famílias pobres.

54%

conhecem uma mulher que já foi agredida por um parceiro.

56%

conhecem um homem que já agrediu uma parceira.

Vergonha e medo

de ser assassinada são percebidas como as principais razões para a mulher não se separar do agressor.

85%

concordam que as mulheres que denunciam seus parceiros correm mais riscos de sofrer assassinato.

Metade

da população considera que a forma como a Justiça pune não reduz a violência contra a mulher.

Para **86%**

as mulheres passaram a denunciar mais os casos de violência doméstica após a Lei Maria da Penha.

Feminicídio

O feminicídio é o homicídio da mulher por um conflito de gênero, ou seja, por ser mulher. Os crimes são geralmente praticados por homens, principalmente parceiros ou ex-parceiros, em situações de abuso familiar, ameaças ou intimidação, violência sexual, “ou situações nas quais a mulher tem menos poder ou menos recursos do que o homem”. Mais da metade dos óbitos (54%) foi de mulheres de 20 a 39 anos, e a maioria (31%) ocorreu em via pública, contra 29% em domicílio e 25% em hospital ou outro estabelecimento de saúde. (fonte: G1)

Mortalidade de mulheres por agressões

Taxa de mortalidade, por 100 mil mulheres, antes e após a vigência da Lei Maria da Penha



Fonte: Estudo "Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil", Ipea 2013

G1.com.br

Infográfico elaborado em 24/9/2013

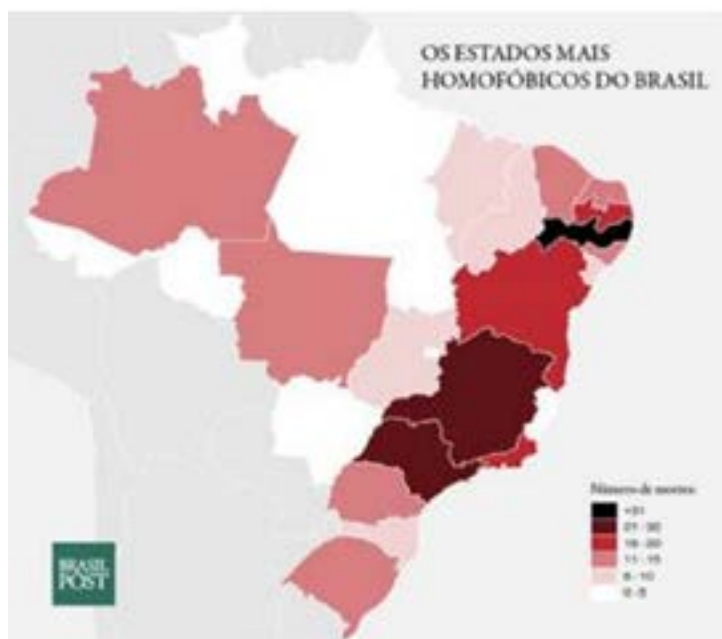
O gráfico mostra que desde a vigência da Lei Maria da Penha em 2006 os casos de mortalidade de mulheres por agressões aumentou. Pode-se fazer dois questionamentos em relação aos resultados: a fiscalização feita pela lei do real problema não está sendo realizada de maneira eficiente ou com o início da vigência da lei houve mais denúncias por parte das mulheres e conhecidos, elevando a taxa levantada pelo IPEA.

shaking hands 2013: diversidade sexual e de gênero

Em 2013, nos aprofundamos no tema Diversidade Sexual e de Gênero explorando diversos assuntos desde a construção do gênero, a questão da afetividade e dos transgêneros. Reconhecemos a profunda importância de debater assuntos como a homofobia, lesbofobia e transfobia para que possamos, de forma cada vez mais efetiva e gratificante, combater as agressões físicas e psicológicas que os LGBTs sofrem diariamente e evitar todas essas formas de opressão que desenvolvem uma infinidade de conflitos na nossa sociedade. Se quiser saber mais sobre tudo isso, dê uma lida!



Leia! "Uma morte LGBT acontece a cada 28 horas motivada por homofobia"



Em 2013 foram contabilizados 312 assassinatos, mortes e suicídios de gays, travestis, lésbicas e transexuais brasileiros vítimas de homofobia e transfobia, de acordo com levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB). O documento inclui a morte de uma transexual brasileira no Reino Unido e um gay morto na Espanha. A média é de uma morte a cada 28 horas.

Imagem: Isadora não entende nada



era rei,
mas se sentia
sozinho.

até um rei
precisa 'as vezes
de carinho.

Imagem: Yellena James



conflitos e resoluções e a cidadania global participativa

Quando buscamos entender mais a fundo o propósito do CISV, nos deparamos com o conceito de “Cidadania Global Participativa”. Um cidadão global participativo deve ter uma série de atitudes, habilidades e conhecimentos que podem ser desenvolvidos em nossas atividades, projetos e programas através da educação com foco para a paz.

Somos encorajados, entre outros tópicos, a entender melhor os conflitos e como eles podem ser causados, prevenidos e resolvidos. Grande parte dos conflitos podem ter diversas interpretações, pois muitas vezes estão relacionados a fatos que envolvem diferentes pontos de vista, e assim, múltiplas emoções e contextos. Portanto, perceber criticamente os conflitos que acontecem ao nosso redor - seja na escala pessoal, interpessoal, regional ou global - é uma atitude que deve fazer parte do cotidiano desse tal cidadão global participativo. O exercício pode não ser fácil, mas procurar entender o que está por trás de um conflito é a melhor maneira de descomplicá-lo e assim, buscar sua resolução.

Mas o papel do cidadão global participativo não se encerra por aí. Quando o CISV busca educar e inspirar ações para um mundo mais justo e pacífico, entender o que é a justiça e se posicionar com o intuito de agir nessa direção torna-se necessário para que tenhamos um mundo mais pacífico. Sendo assim, identificar seu papel como agente de mudança passa a ser um grande desafio para o indivíduo que buscamos educar.

Que busquemos entender mais os conflitos ao nosso redor, e assim, constantemente, desenvolver nossas habilidades de questionarmos nossas atitudes diante deles.



Shaking Hands

2014 entre as linhas dos conflitos



cisv brasil

building global friendship